

# PEDRO NAVA E A AQUISIÇÃO DE SUA IDENTIDADE CULTURAL

## Résumé

*Nous analyserons l'acquisition de la culture chez Pedro Nava à travers ses lectures d'enfance et de jeunesse, dans l'école et dans la famille.*

**Palavras-chave:** Memória, identidade, Frankenstein, biblioteca.

## 1 Introdução

Ao estudar a obra memorialística de Pedro Nava percebemos que ele escreve suas memórias de maneira diferente dos outros memorialistas. Faz não apenas um relato de suas aventuras individuais, mas realiza, ao mesmo tempo, uma volta ao passado individual e coletivo de todo um clã, refazendo, como um Frankenstein<sup>1</sup>, um novo ser, através da exumação de seus antepassados, da busca de suas raízes e de sua história nas biografias familiares, em que recria a história social de sua época e da sociedade.

Em *Balão cativo*<sup>2</sup> e *Chão de ferro*<sup>3</sup>, Nava faz a narrativa de sua infância e adolescência, da aprendizagem da vida familiar, escolar, cultural e afetiva. O estudo da escola na formação cultural, intelectual e humanista de Pedro Nava constituirá nosso interesse principal neste trabalho. Proveniente de uma família patriarcal decadente, com ranços de aristocracia, recebe, no dia a dia, noções de cultura popular, através das histórias infantis contadas pelas negras Deolinda e Rosa. É a presença do maravilhoso, que desperta sua imaginação infantil. Por outro lado, a avó Luísa gosta de música, toca piano, lê poesia, fala francês e aprendeu rudimentos de latim. Além disso, antes de saber ler, o menino Nava acompanha as aventuras dos personagens do *Tico-Tico*, e isso o ajuda a desenvolver a memória visual para realizar, mais

tarde, suas descrições de personagens da vida real ou fictícios dos romances lidos.

## 2 Nava e a aquisição de sua identidade cultural

Para a análise da obra de Pedro Nava temos que partir da seguinte constatação: ao escrever suas memórias ele é um homem de setenta anos, cinquenta dos quais dedicados à medicina. Escreveu centenas de trabalhos científicos; foi médico clínico no interior e professor de faculdade; foi interno em hospitais públicos, portanto, dentro de sua área, possuía todas as experiências humanas adquiridas no contato com pessoas de todas as camadas sociais e nas situações mais adversas; conhecendo, a fundo, toda a possibilidade do corpo humano e sua resistência à dor, ao sofrimento e à morte.

Por que médico? Por vocação? Por pertencer a uma família de médicos? Para ser mais um elo nessa corrente, e para “substituir” o Pai, morto aos 35 anos, e que não transmitira ao filho o legado de experiência, mas apenas seus livros de medicina e sua breve história de médico. Parecia estar munido do conhecimento científico, cuja primeira regra é a observação da matéria humana; do domínio na luta entre a vida e a morte; do olho “clínico”, do olho crítico, para conhecer e elaborar rapidamente o diagnóstico. Essa experiência unida ao amor ao pai e a tudo que a ele dizia respeito; à mania de guardar as coisas antigas, os documentos, os objetos, as crônicas familiares e unidas principalmente à convivência com o tio Sales - que foi o mentor intelectual do pai, José Nava e mais tarde do sobrinho, Pedro - proporcionaram-lhe elementos necessários a um ficcionista ou a um memorialista. Com o tio, Nava adquire e guarda toda uma experiência humana e humanística, que o acompanhará pela vida afora, fazendo dele o grande leitor

<sup>1</sup> SHELLEY, Mary Goldwin. *Frankenstein ou o Prometeu moderno*. Lisboa: Estampa, 1972. É a história de um cientista (Frankenstein) que constrói um homem artificial com a ajuda de cadáveres. O monstro, um maldito, condenado à solidão por sua própria essência, vingava-se da raça humana procurando destruir seu criador.

<sup>2</sup> NAVA, Pedro. *Balão cativo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. *Chão de ferro*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

e o grande armazenador de experiências desde sua mais tenra infância, na rua Aristides Lobo, até a partida de seus tios, que serão envoltados e seus fantasmas passearão entre os livros, os retratos e os objetos herdados por ele. A maneira de observar e ler é a mesma inculcada pelo tio Sales: ler tudo em letra de forma, tudo o que caísse em suas mãos, ler sem processo e sem medida, da mesma forma que observava as pessoas, ouvia as conversas e guardava tudo o que via e ouvia no fundo da memória. Observar, ler e armazenar na “memória implacável” constituem três etapas fundamentais na organização da biblioteca e na construção da obra memorialística de Pedro Nava. Nos quatro primeiros volumes de sua obra, ele mostra como foi sedimentada sua cultura humanista e por extensão, sua biblioteca.

É seguindo os passos do escritor que tomamos consciência de sua escrita *frankenstein*, composta de leituras armazenadas, assimiladas e transformadas num discurso híbrido, ao mesmo tempo que aprendemos, com ele, como tudo foi acontecendo. Nava é o Frankenstein biológico, quando descreve sua imagem refletida no espelho; é o Frankenstein profissional quando descreve sintomaticamente, o anel de médico, que o casou com a profissão; e é o Frankenstein escritor, na formação de sua obra em geral (quatro volumes de memórias na primeira pessoa, e dois volumes da recomposição de um diário, na criação de um pseudônimo Egon, na terceira pessoa) e na criação de sua escrita em particular.

Em *Balão cativo*, a vida escolar será o motivo primeiro das suas memórias. Ele reconstitui a sociedade mineira a partir de 1910, analisa a sociedade em geral, a família em particular, e a escola, que é o reflexo dessa sociedade. Essa análise é feita, principalmente, tendo o romance de Raul Pompéia, *O Ateneu*<sup>4</sup>, como tema recorrente, em *Balão cativo* e em grande parte de *Chão de ferro*: Sérgio e o Ateneu, Pompéia e o Colégio Abílio, Pedro II e a Chácara da Mata, povoam a imaginação do menino Pedro Nava. Proust e *Albertine disparue*<sup>5</sup> estão também presentes em *Balão cativo*. Básico nesse livro de Proust (contraponto de *Balão cativo* em suas epígrafes e citações) é o jogo lembrar/esquecer, presente/passado e o tempo como ponto principal do questionamento do narrador. E é esse mesmo jogo lembrança/esquecimento e presente/passado que será também o ponto central do questionamento de Pedro Nava. Assim, o Memorialista reconstrói sua vida infantil e escolar, num movimento descontínuo da memória, fundamentado em documentos da família, em cartas, em fotografias, salvos da fogueira<sup>6</sup> e nos livros e cadernos de Nava estudante, que, posteriormente, serão organizados como um arquivo composto de documentos relativos à família, ao tio Sales, a ele mesmo e

aos amigos com quem compartilharia a amizade. *Balão cativo* e *Chão de ferro* serão, ao mesmo tempo, o documento da vida infantil e escolar e o depoimento do adulto que recebe o passado de volta através de cartas, cadernos, retratos e livros de sua infância que vão alimentar sua memória, fortalecer sua imaginação e construir sua biblioteca.

Em *Balão cativo*, para iniciar a narração de sua vida infantil e escolar, sintetiza seus sentimentos, já fortalecidos nessa época, de tristeza, revolta e transgressão, experimentados pelo menino diante da rejeição das pessoas grandes: “...já tinha provado tudo que nasce do contato com o semelhante. Amizade, carinho, ódio, rancor, ciúme, rudimentos de amor”...*Vai, Pedro! Toma tua carga nas costas e segue.*” Resumindo esses sentimentos e o sentido essencial de sua obra com a epígrafe de Machado de Assis: “... era a tristeza dos resolutos, a quem dói de antemão um ato pela mortificação que há de trazer a outros, e que, não obstante, juram a si mesmos praticá-lo e praticam”.

Na composição da escrita de *Balão cativo* e *Chão de ferro*, Nava parte da observação de documentos e da realidade, (como Cuvier na reconstituição de um animal a partir de um osso) para reconstituir seu passado, sua vida infantil, escolar e social. É fundamental para ele a apreensão de várias memórias: a memória documental, alimentada por cartas, genealogias e sobretudo retratos, para orientá-lo na recomposição de sua história familiar e escolar. Para recriar essa época, Nava consulta sua correspondência familiar, seus livros e cadernos do tempo dos Colégios Anglo Mineiro e Pedro II e os cadernos e anotações do tio Sales e da tia Alice; relê *O Ateneu* e toda a documentação existente ao seu alcance, sobre o Internato do Colégio Pedro II. Como documento da vida social consulta o arquivo herdado de seu tio, trava conhecimento com escritores contemporâneos de Antonio Sales e ainda vivos, àquela época; e como método de trabalho intelectual, aprende, também com o tio, a transformar as pessoas comuns, que passavam na rua ou que moravam na Pensão Moss, em personagens de romance.

... Para descanso do espírito, sempre que ele via um verdadeiro tipo, qualquer que fugisse do todo-o-mundo, logo começava seu enredo e a criar uma espécie de novela onde o indivíduo focalizado movia-se melhor que na sua própria existência. Dando comprovação à idéia machadiana de que a verossimilhança pode muitas vezes vencer e ser melhor que a verdade<sup>7</sup>.

É sobretudo essa lição de recriação dos personagens literários, na voz do narrador tio Sales, que

<sup>4</sup> POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 1981.

<sup>5</sup> PROUST, Marcel. *Albertine disparue*. Paris: Flammarion, 1986.

<sup>6</sup> NAVA, Beira-mar, p., 13.

<sup>7</sup> NAVA, Pedro. *Balão cativo*, p. 221.

Nava põe em prática ao descrever as pessoas, comparando-as com personagens da literatura, como, por exemplo, a descrição da avó morta como *Górgona amortalhada*; e o banho dos meninos do Colégio Anglo com o grupo pelado da *Virgem do Baldaquino* de Raphaelo, ou as *Anunciações* do Tintoretto e de Tiziano Vecelli; as saídas dos cinemas com as multidões de Velásquez; o professor de francês, De Capol é comparado na iconografia proustiana, a Swann-Charles Haas ou encontrado nos álbuns do museu do Prado na *Rendição de Breda* de Velásquez ou em Van Dick no auto-retrato; seu tio Palleta, o *bicanca* (descrito por Raul Pompéia em *O Ateneu*) lembra ao narrador as ilustrações de Maupassant ou de Toulouse-Lautrec; nos anúncios dos bondes, lembra Renoir ou as alegorias de Rubens. Faz comparações também com as gravuras dos livros, por exemplo, Maupassant, Daudet e a iconografia proustiana. Aliás, toda a narrativa dos três primeiros livros é calcada em comparações com as obras de arte dos museus, na pintura e na escultura e com apropriações dos clássicos da literatura.

Em um único capítulo de *Baú de ossos*, ele compara a tia Eugênia à Catarina da Rússia, Maria Tereza d'Áustria e Dona Carmo (*Memorial de Aires*); compara um tio ao *Policarpo Quaresma* de Lima Barreto; cita Machado de Assis, Bocage, Euclides da Cunha, Coelho Neto, Alphonse Daudet, Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas*) as farândolas rabelaisianas, Maupassant, Eça de Queiroz, Artur Azevedo, Américo Facó. Isso fora as epígrafes contidas no interior de *Baú de ossos* - trinta e as do volume (duas). Ao escolher suas citações o Memorialista parece demonstrar grande conhecimento de livros e de escritores. É o que em Pedro Nava chamamos "sua biblioteca": ele escolhe seus companheiros de vida literária, e cumpre o que Borges diz na *Biblioteca de Babel*: o livro é único e diverso ao mesmo tempo, pois se repete no Tempo e no Espaço porque todos eles contêm e aclaram os mistérios básicos da humanidade.

É a ficção e a realidade que se encontram e se transformam, novamente em ficção, por conta da imaginação com a qual ele completa o *puzzle* de sua identidade. A leitura de Proust confere ao estilo de Nava a fluidez e a descontinuidade do tempo na escritura; a memória involuntária e suas *madeleines* retiram de sua escritura a característica do documento, de relatório: *Baú de ossos*, *Balão cativo* e *Chão de ferro* constituem, pois, uma mescla do permanente, da fluidez ou descontinuidade, uma união da memória documental e da memória involuntária.

Em Pedro Nava, podemos considerar outro tipo de memória, essencial na formação de sua biblioteca: é a memória dos textos lidos, assimilados, arquivados e reutilizados de maneira particular e original, constituindo outro elemento fundamental para o narrador. Como médico, Nava procura refazer a biblioteca de seu Pai, complementando-a com novos

livros e livros raros encontrados nos *buquinistas* ou nos sebos. Como humanista, como membro da família Nava, adquire, desde a mais tenra idade, o hábito da leitura.

Com a morte do pai, tio Sales se transforma em seu pai adotivo, em seu guia, Um Virgílio, e como homem de cultura aconselha-o a ler tudo, pantagruelicamente. Pequeno ainda, recebe a assinatura do *Tico-Tico*, revista em quadrinhos, cujas aventuras ele apreende através das figuras de Faustina, Chiquinho, Zé Macaco, Reco-Reco, Bolão e Azeitona, entre outros. É apresentado a Genoveva de Brabant e Golo (ver Proust e as figuras lançadas na parede à luz do abajur), Napoleão Bonaparte, Sancho Pança e D. Quixote e outros personagens da literatura universal. É através da imaginação e da memória fotográfica que Nava, ainda no Rio e depois em Belo Horizonte, alimenta sua imaginação, pela recriação dos personagens ficcionais, nas pessoas de sua infância. O texto do narrador, nos mostra um viajante conhecedor de museus, que costura sua descrição de pessoas, fatos, ruas, acontecimentos, com referências a quadros célebres, pinturas, paisagens e fatos de suas viagens como um filme gravado em sua memória, enquanto dá o balanço ou faz o inventário da aquisição progressiva dessas leituras em sua vida escolar, tema de *Balão cativo* e *Chão de ferro*.

Na escola de Juiz de Fora, Nava fala do tédio mortal que sofria à hora da leitura dos *Contos Patrios* - patriotagem nauseante, patente até mesmo para o menino, e para o narrador adulto, fonte de repulsa contra o ufanismo revoltante insuflado nas crianças, na escola primária, e que deformam os conceitos sobre a história e os heróis nacionais. Sobre essa deformação ele se refere ao tio Sales, na descrição de personagens políticas de seu tempo. "*Ajudado por seu talento de romancista e por sua arte de escarpelar personagens, vamos encontrar, apresentadas por ele, as figuras humanas como elas eram de fato, antes de serem envoltadas no próprio mito*"<sup>8</sup>.

No Colégio Anglo, a divisa *mens sana in corpore sano* dará ao aluno a disciplina "anglicana" que lhe será útil durante toda sua vida: a disciplina para a convivência com outros meninos da mesma idade, a capacidade de escolher os melhores companheiros, a disciplina para cumprir horários e compromissos com os amigos, ao colegas e a família e principalmente com o doente, a quem se dedicará na vida adulta; o *corpore sano* da divisa proporcionará uma vida saudável, capacidade física para a ginástica, a natação, e principalmente para os longos passeios a pé, verdadeiras excursões como faziam Sérgio e seus colegas no Ateneu. Tratar da terra, plantar, regar, colher e vender ao Sadler a colheita improvisada era também uma das atividades físicas do Anglo. Era necessário ter disciplina, ter paciência de esperar o lento trabalho da natureza: "*a pressa matava e aprendi com a lenta natureza*". O *Mens sana* dar-

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_. *Balão cativo*, p. 254.

lhe-á a disciplina para o estudo, para a leitura, para a correspondência, hábito que ficará tão arraigado, que, adulto, não será capaz de deixar nenhuma carta sem resposta. Escrevia, no colégio, para a mãe e para tia Alice, contando suas atividades escolares e para o tio Sales, em inglês, a fim de complementar a aprendizagem dessa língua.

No Colégio Pedro II, Nava aprenderá a língua francesa e sua literatura, como já conhecia a inglesa e a portuguesa através de suas leituras no Colégio Anglo. No intervalo vai aprofundar o conhecimento das pessoas, chorar e se revoltar e experimentar o estado de insônia que não o abandonará nunca mais. Com o tio Sales conhecerá a cidade do Rio de Janeiro e a poesia de suas ruas. Seu tio será, efetivamente, seu mentor e guia intelectual, moral e afetivo. Dele receberá o carinho, o cuidado e os ensinamentos constantes e herdará sua biblioteca. Antônio Sales será para ele um Virgílio, na selva da cidade do Rio de Janeiro; conhecerá suas ruas, suas praças, suas livrarias: a Garnier, a Alves, a Crashley, loja de artigos em geral, livros e artigos importados, onde o tio sempre comprava mais um livro para aumentar sua coleção. É aí que o tio Sales compra a tradução inglesa dos contos de Andersen que o transporta, sempre, para a infância, ao manuseá-lo. Enfim, com o tio, conhece e recria a história sentimental do Rio de Janeiro. Através dos papéis e livros de notas do tio, refaz suas moradias, nos diversos endereços cariocas. (...) *“assim vegetal e molhada, verlaineana e fresca, cheia de frutos, de flores, de folhas, de galhos. (...) porque pelo gênero, pelos ares e pela alma, as ruas se parecem como as pessoas”*. Verlaine e Baudelaire estão presentes na literatura ainda a ser conhecida, lida e esquecida, no Colégio Pedro II e na biblioteca do tio, essa biblioteca, na qual, sintomaticamente, dormia e, da qual herdará o acervo.

O conhecimento da língua francesa aumenta sua capacidade de leitura, amplia seus conhecimentos e por extensão sua biblioteca. Incorpora às suas leituras as fábulas de Fedro, de La Fontaine, o teatro clássico e a literatura francesa até Verlaine, Mallarmé e Rimbaud. Os livros didáticos, adotados no colégio, eram em francês e isso também facilita sua aprendizagem e ao mesmo tempo, aumenta sua ligação e a de sua geração com a cultura francesa, salvo poucas e aberrantes exceções, como ele mesmo declara.

Na volta a Belo Horizonte, Nava reencontra seu pai e seu destino, ao receber a notícia de que era acadêmico de Medicina. Conseguira sucesso nos exames em seu retorno a Minas. Arrumara a mesa, móvel antigo, na qual seu pai estudara e trabalhara, no Rio e em Juiz de Fora. *“Eu estava pronto. Já tinha espanado e tomado conta dos livros de meu pai”*.

### 3 Conclusão

Pedro Nava vai compondo aos poucos sua biblioteca pessoal - primeiros livros recebidos como

presentes da avó Nanoca, do Jones, do Sadler e do tio Sales ao mesmo tempo que vai estruturando sua biblioteca no sentido mais amplo da cultura, isto é, da leitura dos livros, que alimentarão a imaginação do menino com personagens da história e da ficção.

Em *Balão cativo* e *Chão de ferro* Nava descreve dois sonhos/pesadelos sempre presentes em sua vida infantil. O primeiro, é a presentificação de uma biblioteca fantástica, em plena luz do dia; Nava caminha por entre livros empilhados, de todas as cores e tamanhos, e que desabam quando ele tenta alcançar, avidamente, algum volume. Este sonho é a síntese da biblioteca de Borges, da biblioteca de Umberto Eco e de Anatole France. É um sonho fantástico, numa biblioteca fantástica. Desse sonho da biblioteca fabulosa podemos concluir a realidade da metáfora da biblioteca de Nava: a biblioteca, a real, que foi se formando aos poucos; os presentes, as heranças recebidas, que foram aumentando esse acervo; e a biblioteca metafórica, formada pelas leituras arquivadas e que, de repente, podem desabar sobre seu proprietário, sob a forma de criação/construção da memória involuntária.

Podemos dizer que, a matéria da memória, para Nava, parece ser composta basicamente desses dois sonhos, produtos ou geradores da insônia: a biblioteca que desaba, literalmente, em sua cabeça, arquivo no qual trabalhará depois, em Belo Horizonte. Ela parece ser composta, também, da recuperação dos “ossos” de sua família, catados de cova em cova, e transformados pelo Frankenstein/escritor numa nova criatura. A capacidade de ver, de ouvir e de guardar no fundo da memória - seu futuro martírio - é que constituirá, na realidade, o instrumento essencial ao Memorialista em geral e a Pedro Nava em particular. Este utilizará os fatos da realidade saturados pela verossimilhança e manipulados pela imaginação criadora. A imaginação criadora, a biblioteca suspensa, os ossos catados, de cova em cova, de livro em livro, guardados e arquivados, vão compor sua “biblioteca”, metáfora de sua identidade cultural.

### Bibliografia

- BORGES, Jorge Luís. *Ficções*. Tradução Carlos Nejar. 5ª ed. São Paulo: Globo, 1989.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- FRANCE, Anatole. *Le crime de Sylvestre Bonnard*. s/r
- PROUST, Marcel. *La fugitive (Albertine disparue)*. Paris: Flammarion, 1986.
- NAVA, Pedro. *Balão cativo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Chão de ferro*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- SHELLEY, Mary - *Frankenstein*, ou o Prometeu moderno. Lisboa: Estampa, 1972.